



sugestões para uma análise comparativa da fecundidade em populações indígenas*

Denise Maldí Meireles**

RESUMO – Este trabalho apresenta o resultado de uma investigação realizada em campo junto a três sociedades indígenas no Brasil, a partir da aplicação do modelo para o estudo comparativo da fecundidade proposto por Kingsley Davis e Judith Blake. Os dados coletados evidenciaram a ocorrência de mudanças nessas sociedades que afetaram favoravelmente a fecundidade. A partir desta constatação, são discutidas outras questões que se referem à organização social e à sua influência sobre a fecundidade.

INTRODUÇÃO

Estudos sociológicos comparativos da fecundidade envolvendo populações indígenas no Brasil praticamente inexistem. As teses, monografias e dissertações sobre sociedades indígenas usualmente mal fazem referência a dados demográficos, limitando-se a fornecer quadros da população total segundo a idade e o sexo. Mesmo esses dados, meramente informativos, não têm merecido um interesse maior, seja de demógrafos, seja de antropólogos, que poderiam utilizá-los como fontes de estudos confiáveis de modo a fornecer um panorama dessas populações. Na realidade, o problema é grave, porque, por um lado, os pesquisadores que coletam esses dados apresentam quadros descritivos num certo momento, e as estatísticas raramente são retomadas depois; por outro, a Fundação Nacional do Índio não dispõe de uma metodologia de coleta, e os dados que apresenta parecem passar por ingerências políticas, ora sofrendo aumento, ora diminuição.

Os poucos estudos existentes envolvendo dados demográficos tiveram como principal preocupação teórica a discussão em torno das conseqüências acarretadas pela situação de contato interétnico, em termos das doenças que foram levadas aos índios e dos efeitos dissociativos

* Este artigo foi apresentado na sessão do Grupo de Trabalho *Sexualidade e Reprodução*, coordenado por Maria Andréa Loyola, no V Encontro Nacional da ABEP, realizado em outubro de 1986, em Águas de São Pedro (SP). (N.E.)

** Mestra em Antropologia pela UnB. Pesquisadora-bolsista do CNPq junto à Universidade Federal de Mato Grosso (Depto. de História), desenvolve projeto *Etnohistória do Guaporé*.

da depopulação. Nesse sentido, grande parte das estatísticas que mereceram um tratamento analítico foram correlacionadas a partir dos contingentes populacionais com o chamado "grau de integração", isto é, as categorias referentes à situação de contato com a sociedade nacional e que, em conceitos-limite, são as seguintes: isolados, contato intermitente, contato permanente e integrados. Outra variável considerada foi o tipo de frente econômica que avança sobre os territórios indígenas, ou seja, as chamadas "frentes de expansão" e que, também, em conceitos-limite, são: extrativa, agrícola e pastoril.

A partir da primeira variável, considerou-se que, a grosso modo, foi na transição da condição de isolamento ao contato intermitente que se registraram as maiores e mais drásticas perdas de população, culminando, muitas vezes, no extermínio absoluto. As chances de sobrevivência aumentam nas condições seguintes e, na maioria dos casos, vencidas as etapas mais críticas (verificáveis pelos graves estrangulamentos nas pirâmides de idade), defronta-se com populações em incremento, com altíssimas porcentagens de jovens (1).

Com relação à segunda variável, verificou-se que a maior perda de população foi registrada em grupos que se depararam com frentes de economia agrícola, seguindo-se a extrativa e a pastoril. Por outro lado, os maiores contingentes populacionais indígenas encontravam-se (e ainda encontram-se) em áreas tradicionalmente de economia extrativista, seguindo-se a agrícola.

Os resultados desses estudos (2), entretanto, devem ser considerados representativos até, no máximo, o início da década de 70, quando a Amazônia Legal (onde está o maior número de sociedades indígenas e os maiores contingentes) passou por profundas transformações estruturais que levaram algumas regiões a uma ocupação rápida via uma intensa migração e a um grande incremento das atividades agrícola e pastoril em detrimento do extrativismo. Dentro desta nova realidade, algumas sociedades indígenas saíram praticamente do isolamento para o contato permanente em curtíssimo espaço de tempo, enquanto outras intensificaram o convívio com agentes da sociedade nacional sem que as conseqüências, em termos demográficos, tenham sido devidamente avaliadas. Acrescente-se ainda o fato de que, devido a pressões políticas, algumas sociedades tiveram, efetivamente, suas reservas demarcadas e passaram a receber uma melhor assistência médica e puderam até mesmo deixar de sofrer contatos indiscriminados. Em suma, o quadro histórico é outro e precisaria ser reavaliado.

Outras questões teóricas que suscitaram interesse mas que ainda não foram exaustivamente abordadas dizem respeito às profundas diferenças estruturais que algumas dessas populações exibem, a despeito de estarem classificadas dentro de uma idêntica categoria de grau de integração e de viverem num mesmo meio ambiente. Ou, por outro lado, o fenômeno no seu oposto: as semelhanças verificáveis entre populações em diferentes situações de contato e diferentes tipos de ambiente, o que sugere que, de fato, as variáveis que influem sobre a população são muito mais complexas do que apenas esses fatores exógenos.

Se os efeitos dissociativos da depopulação e da situação de contato mereceram um tratamento analítico por parte de alguns pesquisadores, o mesmo não se pode dizer com relação aos dados demográficos propriamente, como as taxas de natalidade, de fecundidade etc., que pudessem fornecer um quadro de cada sociedade isoladamente, passíveis de comparação. Via



de regra, admite-se que as sociedades indígenas brasileiras, mesmo em condições de isolamento, não apresentavam populações em incremento e que, mesmo ocupando vastos territórios e gozando de períodos de paz, não se multiplicaram como poderiam. Tudo leva a crer na existência de fatores de estabilização demográfica, como certas práticas de restrição voluntária da natalidade. Entretanto, pesquisas recentes procuraram demonstrar que as cifras demográficas sul-americanas foram diminuídas por motivos colonialistas porque, na verdade, a catástrofe da conquista teria sido muito maior do que querem fazer crer alguns historiadores (Clastres, 1973; Dobyns, 1966; Denevan, 1976, por exemplo. Estes procuraram evidenciar que as populações indígenas foram largamente subestimadas).

Esta é uma questão que está longe de ser esgotada, mas que, sem dúvida, pode ser enriquecida a partir de novos levantamentos que investiguem, precisamente, a sociologia da fecundidade.

Aqui poderíamos perguntar porque são tão raras essas investigações junto às populações indígenas brasileiras. Ao que parece, o problema é generalizado: os antropólogos, tipicamente, defrontam-se com as mais difíceis situações de pesquisa dentre todos os cientistas que buscam levantar dados demográficos, em virtude da inexistência de censos ou de outras informações, e porque trabalham geralmente com populações muito pequenas, e quase sempre não dominam as técnicas de análise demográfica (ver Howell, 1976, sobre as dificuldades do antropólogo para coletar dados demográficos). Felizmente, o interesse na sociologia da fecundidade levou a progressos metodológicos que aumentaram a possibilidade do estudo da fecundidade em diversos aspectos (Freedman, 1967).

Um recurso extremamente sedutor para o antropólogo é o levantamento das variáveis que influem sobre a fecundidade. Nesse sentido, embora as variáveis que influem sobre a fecundidade sejam numerosas e complexas, Kingsley Davis e Judith Blake (1967) propuseram um sistema analítico, através da identificação de determinadas "variáveis intermediárias", perfeitamente possível de ser utilizado pelo antropólogo, já que se concentra no levantamento das influências culturais sobre a fecundidade, desobrigando-o de entrar no terreno, para ele escorregadio e inseguro, das medidas e das taxas.

Neste trabalho vou apresentar os resultados de investigações feitas em campo, junto às sociedades indígenas *Karitiana*, *Gaviões* e *Pakaas-Novos*, do Estado de Rondônia, onde procurei proceder ao levantamento dessas "variáveis intermediárias". Tal procedimento conduziu ao levantamento de dados etnográficos, à medida que essas "variáveis" muitas vezes reportam-se diretamente à organização social. Em larga medida, o trabalho é pioneiro, porque essas sociedades são praticamente desconhecidas na literatura antropológica. Sendo assim, longe de ser conclusiva, gostaria de deixar claro que apresento uma sugestão para a análise da influência da organização social sobre a fecundidade, que eventualmente pudesse ser utilizada em novos trabalhos comparativos, estreitando a cooperação entre demógrafos e antropólogos, e ampliando o quadro – ainda tão escasso – de dados sobre as populações indígenas.

METODOLOGIA

Kingsley Davis e Judith Blake propuseram um sistema analítico para a sociologia comparativa da fecundidade, partindo do pressuposto de que as diferenças existentes na organização social das sociedades parecem originar variações na fecundidade. Considerada essa questão, procuraram demonstrar como alguns tipos e elementos da organização social, atuando através de determinadas variáveis, podem atuar no sentido de aumentar ou reduzir a fecundidade.

O processo de reprodução – argumentam – implica em três etapas óbvias: 1) o coito, 2) a concepção e 3) a gestação e o parto. A análise das influências culturais deve começar, portanto, com os fatores que se relacionam com essas etapas. Tais fatores são aqueles através dos quais as condições culturais podem influir sobre a fecundidade e por isto podem ser chamados “variáveis intermediárias”.

Qualquer fator cultural que influa sobre a fecundidade deve fazê-lo de forma a classificar-se em qualquer uma dessas “variáveis intermediárias”, as quais podem ter uma influência negativa (menos) ou positiva (mais) sobre a fecundidade. Isso significa que, a nível metodológico, a proposta de Davis e Blake constitui uma caracterização empírica de diferentes níveis de fecundidade (baixa ou alta), passível, pela sua universidade, de ser amplamente utilizada pelo antropólogo e de fundamentar comparações entre diferentes sociedades.

A lista completa das variáveis será examinada na seção *As Variáveis Intermediárias: Levantamento*, quando apresento os resultados da pesquisa de campo, uma vez que segui *pari passu* o esquema proposto pelos autores.

É importante ressaltar que **todas** as variáveis estão presentes em **todas** as sociedades, embora as influências que as afetam não sejam tentativas racionais para regir a fecundidade. A ausência de uma delas não implica numa “não influência” sobre a fecundidade, porque a ausência em si já é uma forma de influência.

O seu levantamento e análise pode fornecer um quadro bastante elucidativo sobre os meios de controle da fecundidade que se situam entre a organização social e as normas sociais de um lado, e a fecundidade, de outro. O que se quer demonstrar é como certos elementos da organização social acrescentam ou reduzem a fecundidade de uma dada sociedade, dentro de um contexto mais amplo.

A partir deste sistema analítico, procedi à investigação junto aos *Karitiana*, *Gaviões* e *Pakaas-Novos*. Cumpro esclarecer que procurei levantar essas variáveis dentro de dois contextos: o tradicional e o atual. Isto é, à medida que entrevistava os informantes, pude observar que certas práticas culturais que eram comuns não são mais realizadas. Evidentemente essas alterações têm conseqüências sobre os fatores que influenciam sobre a fecundidade, e serão discutidas oportunamente.



OS KARITIANA, OS GAVIÕES E OS PAKAAS-NOVOS: BREVE APRESENTAÇÃO

Antes de passarmos à discussão sobre os resultados da investigação, torna-se impo-
rioso apresentar brevemente essas sociedades.

Os *Karitiana* são uma sociedade classificada, do ponto de vista lingüístico, dentro do
tronco *Tupi*, família *Arikên*. Vivem atualmente numa reserva que conforma o Posto Indígena
Karitiana, localizada no município de Porto Velho. Estranhamente, o grupo foi considerado
extinto por muitos autores modernos e, como foi mencionado, não há nenhuma análise etno-
gráfica sobre eles.

As referências mais antigas aos *Karitiana* são remotas, datando de 1795. Algumas
fontes históricas informam que os *Karitiana* e os *Karipuna* (grupo *Tupi* do rio Madeira) eram
um só povo antes dos primeiros contatos. Esta informação, entretanto, parece ser improce-
dente, uma vez que ambos se reconhecem como antigos inimigos e falam línguas diferentes.
Ocorre que os *Karitiana* devem ter, de fato, vivido próximos e estabelecido laços íntimos com
outros grupos, como os hoje extintos *Arikên*, que falavam uma língua idêntica.

Os primeiros contatos com os brancos aconteceram no final do século XVIII, quando
a região por eles habitada, às margens do alto rio Candeias, aflucnte do Madeira, passou a ser
ocupada com relativa intensidade por seringueiros e caucheiros. Mas os contatos só se intensi-
ficaram por volta da década de 40 deste século. Tais encontros se caracterizaram pela violência
e hostilidade, sendo que, por volta do segundo decênio deste século, seringueiros chegaram a
queimar uma aldeia inteira do grupo. Os que restaram abandonaram o habitat tradicional nas
margens do Candeias e se refugiaram nas margens de um de seus afluentes, o rio das Garças.
Começaram então a trabalhar em seringais, depois de sofrerem uma violenta depopulação,
agravada pela penetração dos construtores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que cortou
seus territórios.

Apesar deste quadro desagregador, os *Karitiana* mantiveram-se unidos, vivendo nu-
ma mesma aldeia, até que uma briga interna levou-os a se dividirem. Formaram-se então duas
facções, lideradas por dois diferentes chefes: uma voltou aos Candeias, outra permaneceu no
rio das Garças. Algum tempo depois, a fim de que pudessem ser mantidas as regras de casa-
mento, o grupo do rio das Garças buscou mulheres entre os moradores do Candeias, o que aca-
bou redundando numa nova fusão.

Os *Karitiana* são hoje um dos menores grupos de Rondônia. Segundo dados do antigo
Serviço de Proteção aos Índios, em 1967 totalizavam 64 pessoas; no ano seguinte, menos de
50. Em maio de 1981, quando fizemos um recenseamento, totalizavam 85. Havia então um alto
percentual de menores de nove anos: 44,7%. A variação dos segmentos etários denotava graves
desequilíbrios, com população feminina igual a zero nas faixas 30-34 e 35-39 anos e apresen-
tando apenas um indivíduo na população masculina dessas mesmas faixas. Tais dados refletem,
evidentemente, o quadro altamente desfavorável do contato, caracterizado pela intensidade,
hostilidade e discriminação: ruptura do grupo; venda da força de trabalho em seringais e su-
balimentação.

Em 1986, os *Karitiana* totalizavam 116 pessoas, segundo dados da 8ª Delegacia Regional da FUNAI em Porto Velho.

Os *Gaviões* (também chamados *Digüt*) são um povo *Tupi*, tendo a sua língua sido classificada dentro da família *Mondé*. Seu habitat mais antigo, ao que parecem, abrangia uma área ao longo das margens do baixo rio Branco, afluente do rio Ji-Paraná. Os *Gaviões* sempre viveram muito próximos dos índios genericamente conhecidos como *Araras* e também chamados *Uruku*, igualmente classificados como *Tupi*. Segundo o pesquisador Harald Schultz (1955) que os visitou por volta de 1945, os dois grupos apresentavam cultura material idêntica, conheciam seus idiomas recíprocos e realizavam casamentos intergrupais. Além disso, os *Gaviões* informam que, tradicionalmente, formavam um só povo junto com os *Zoró* (grupo *Tupi* de língua muito semelhante). A fissão entre os dois teria acontecido há cerca de 60 anos, quando os *Zoró* teriam se separado em consequência de uma briga interna. As duas sociedades mantiveram-se afastadas até por volta de 1976, quando uma expedição da FUNAI estabeleceu contato com os *Zoró* e esses passaram a habitar local próximo ao posto que hoje abriga a população *Gavião*. Vale registrar ainda que os *Gaviões* mantiveram contatos, muitas vezes belicosos, com vários outros grupos que tradicionalmente ocupavam ou perambulavam por áreas próximas ao seu habitat, como os *Suruí* e os *Cinta-Larga*, todos *Tupi*. Esses grupos apresentam muitas semelhanças culturais, mas ainda não foram analisados convenientemente. Na verdade, toda a extensa área que abrange os habitat seculares desses povos conforma um vasto complexo cultural *Tupi*.

Os primeiros encontros entre os *Gaviões* e a sociedade nacional também aconteceram com caucheiros e seringueiros. Acuados, moveram-se para as margens do igarapé Lourdes, afluente do Ji-Paraná. Os contatos se intensificaram na década de 50, quando muitos índios passaram a trabalhar em seringais.

Não há informações sobre a população *Gavião*. Sabe-se que os *Araras*, com os quais estava intimamente relacionada, totalizavam cerca de 300 pessoas por volta do início da década de 50. Em 1968 não ultrapassavam 50 indivíduos (Mason, 1977).

No início de 1960, o missionário católico Pe. Angelo Spadari esteve com os *Gaviões* e contou 120 pessoas (3). Em maio de 1981 recenseamos 151 pessoas no Posto Igarapé Lourdes (município de Ji-Paraná) onde passaram a viver. Mas a população total seria um pouco maior, uma vez que havia três ou quatro famílias morando numa aldeia próxima. Em 1986, segundo a 8ª Delegacia Regional da FUNAI, a população do Posto Igarapé Lourdes totalizava 418 pessoas. Neste total estavam incluídos a população *Arara* e alguns índios *Zoró*, uma vez que, logo após o contato com esses últimos, houve casamentos intergrupais. Calcula-se que a população *Gavião* estivesse em torno de 60% desse total.

Os *Pakaas-Novos* são a única sociedade indígena classificada na família lingüística *Txapakura*, no Brasil. Localizam-se hoje em vários postos da FUNAI dentro do município de Guajará-Mirim. Seus habitat tradicionais cobriam uma vastíssima área ao longo do rio Pakaas-Novos (afluente da margem direita do rio Mamoré), seus afluentes e tributários.

Da mesma forma que os dois outros grupos, os primeiros contatos que mantiveram



com a sociedade nacional foram travados com caucheiros e seringueiros e, como no caso do *Karitiana*, com trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O estreitamento dos contatos aconteceu a partir da década de 40, quando a região, como um todo, sofreu uma intensificação da procura da borracha em virtude da demanda ocasionada pela 2ª Guerra Mundial.

Mais uma vez, a violência foi a característica maior desses contatos, havendo inúmeras notícias sobre massacres organizados, que teriam dizimado aldeias inteiras.

No que se refere à população, os *Pakaas-Novos* formavam uma sociedade bem mais numerosa do que as anteriores: no início dos primeiros contatos é provável que totalizassem mais de três mil pessoas (4).

Em maio de 1981 recenseamos 912 pessoas, mas nesse número não estavam incluídos os índios que viviam em Sagarana, um local às margens do rio Guaporé, sob a jurisdição da Igreja Católica. Em 1986 a população total era de 1209 indivíduos, incluindo os habitantes de Sagarana.

Do ponto de vista cultural, os *Karitiana* e os *Gaviões* apresentam algumas semelhanças entre si. Além de serem *Tupi*, tradicionalmente habitavam grandes malocas que abrigavam famílias extensas. Seus vizinhos eram todos povos *Tupi*, com os quais, muitas vezes, mantiveram contatos belicosos.

Os *Pakaas-Novos* têm uma organização social muito peculiar: como foi mencionado, espalhavam-se por uma região muito vasta, através da qual oito grupos nominados que conformam a totalidade social distribuíam-se em territórios nominados, delimitados e reconhecidos por cada um. Complexos laços político-cerimoniais os mantinham coesos.

Os *Karitiana* e os *Gaviões* eram tradicionais cultivadores da mandioca, nas suas duas formas conhecidas popularmente, "brava" e "mansa", e também cultivavam o milho. Os *Pakaas-Novos* não plantavam (não conheciam?) a mandioca "brava" e seu principal produto era o milho. Nas três sociedades, o plantio e a colheita eram trabalhos exclusivamente femininos.

Do ponto de vista demográfico, os *Karitiana* e os *Gaviões*, por ocasião dos contatos mais intensos, ou seja, a partir da década de 1940, eram poucos numerosos, ao contrário dos *Pakaas-Novos*. A população *Gavião* não deveria atingir mais de 300 pessoas e a população *Karitiana* dificilmente ultrapassaria 200. De forma idêntica, as três sociedades sofreram perdas violentas. O tipo de frente econômica que ocasionou esses contatos indiscriminados e hostis foi o mesmo: a frente extrativista, representada pelos caucheiros e seringueiros. O contato desorganizou-os e deslocou-os de seus territórios seculares, todos em áreas de floresta próximas de grandes rios, mas suas localizações atuais não são muito distantes desses territórios.

Feita esta breve apresentação, vamos passar agora ao resultado do levantamento das "variáveis intermediárias", através das quais muitos outros aspectos da organização social desses povos serão conhecidos.

AS VARIÁVEIS INTERMEDIÁRIAS: LEVANTAMENTO

Para facilidade de análise, considere os fatores em conjunto, apresentando os dados sobre as três sociedades, de modo a compará-los.

I. Fatores que Afetam a Exposição ao Coito (variáveis do coito)

A. Os que regem a formação e a dissolução das uniões em idade fértil

i. Idade de iniciação nas uniões sexuais

Nas três sociedades, a idade em que se inicia a participação nas uniões sexuais sempre foi precoc. A mulher está apta para o casamento logo após a menarca, e por isso não é raro encontrar mães muito jovens, com menos de 15 anos.

Do ponto de vista do parentesco, sem dúvida é a sua organização que controla os matrimônios, proscrivendo e prescrevendo as uniões. Entre os *Karitiana*, o casamento preferencial é realizado entre um homem e a filha da sua irmã (real ou classificatória), sendo desejável também o casamento entre um homem e a sua prima cruzada patrilateral. Entretanto, com a perda de população, os *Karitiana* foram obrigados a aceitar a realização de casamentos considerados proscritos. Encontrei até mesmo a união entre um homem e a filha do seu irmão, o que em tese seria um incesto. Todo o grupo definiu a união como "errada", mas o fato é que acabou sendo absorvida, num momento em que a sociedade se reconhecia gravemente ameaçada de efetuar a sua reposição. Por outro lado, foi exatamente o desejo de manter as regras de parentesco que levou a uma fusão dos grupos depois da divisão ocasionada por rixas internas, há menos de 40 anos.

O sistema de parentesco, como um todo, continua sendo operacionalizado, e é através das categorias prescritas que são combinadas as uniões. Mas os *Karitiana* poderiam ser um exemplo de que as regras que regulamentam o matrimônio podem eventualmente sofrer um arranjo em função de problemas demográficos, sem que isso se constitua necessariamente numa quebra do modelo. Na verdade, os índios esclareceram que as mudanças ocorridas eram de caráter compulsório e provisório, tendo plena consciência de que o modelo teve de passar por algumas alterações, sem que se modificasse a estrutura.

Tradicionalmente, a residência entre os *Karitiana* era patrilocal, mas atualmente o padrão passou a ser neolocal, embora com características próprias: grupos de irmãos procuram morar perto.

Entre os *Gaviões*, o casamento preferencial segue a seguinte regra: um homem deve escolher por esposa a filha da sua irmã (real ou classificatória) ou a filha do irmão da sua mãe, ou seja, a sua prima cruzada matrilateral. Usualmente as uniões são combinadas quando os futuros cônjuges são ainda crianças, e o futuro genro deve prestar gentilezas ao sogro. Não raro, ocorrem uniões entre um homem mais velho e uma moça muito jovem, sobretudo nos casamentos entre um homem e a filha da sua irmã. Tal como os *Karitiana*, tradicionalmente a resi-



dência era patrilocal, mas atualmente segue a neolocalidade.

O modelo *Pakaa-Novo* é bastante diferente e apresenta complexidades mais profundas. Em primeiro lugar, a terminologia de parentesco, do tipo chamado *Crow-Omaha* (5), classifica todos os parentes laterais e lineares como consanguíneos. Em função disso, proscreeve o casamento entre um homem e suas primas cruzadas e primas paralelas, e entre um homem e as filhas das suas irmãs reais ou classificatórias. Como os *Pakaas-Novos* estavam dispersos por uma vasta área, assentados em territórios reconhecidos de cada grupo que conformava a totalidade social, ocorria que um homem era impulsionado a buscar uma esposa em outros grupos que não o seu. Nesse caso, as genealogias eram vividas espacialmente, e o sistema estava sempre sofrendo modificações. Em muitos aspectos, o sistema servia como um fator de coesão para manter unidos os grupos nominados, à medida que estendia a consangüinidade através de cada nova união. Tal como nas outras duas sociedades, a residência era patrilocal, mas sofreu modificações para a neolocalidade.

Em cada uma dessas sociedades, o sistema de parentesco imperativamente exerce controle sobre os casamentos, sendo o grande regulador das uniões. Não há dúvida de que esses modelos, a despeito das suas variações, atuam de forma a precipitar o matrimônio. Não se deve esquecer que o sistema de parentesco não é apenas um sistema de atitudes, mas reflete uma ideologia com implicações mais complexas. Podemos considerar, por exemplo, o fato de que o plantio e a colheita, nas três sociedades, é um trabalho feminino. As atividades da mulher situavam-se, portanto, tanto a nível da produção (agricultura), da transformação (processamento de alimentos), quanto da reprodução social (filhos). A patrilocalidade sugere que o controle dos territórios nessas sociedades era agnático, e, de certa forma, a reprodução social também era controlada pelos homens, através do controle da circulação das mulheres. Pode-se considerar que esses fatores, como um todo, influenciavam favoravelmente a fecundidade, prescrevendo as uniões com um profundo significado para a coesão social no sentido de que os matrimônios estabeleciam direitos e deveres.

2. *Celibato permanente: proporção de mulheres que nunca participam em uniões sexuais*

O celibato como um preceito institucional inexistente nessas sociedades. Mesmo as viúvas (que evidentemente não são celibatárias, mas cujo destino pode ter alguma influência sobre a fecundidade), através de uma regra institucionalizada (levirato) casavam-se com um dos irmãos do falecido marido, prática que continua até hoje.

3. *Intervalo da perda do período reprodutivo transcorrido depois das uniões ou entre elas*

- a) *Quando as uniões se rompem por divórcio, separação ou abandono*
- b) *Quando as uniões se rompem pela morte do marido*

Dissoluções do casamento por divórcio não são incomuns. A causa mais freqüente é a infidelidade. Entretanto, este fator não tem uma influência adversa sobre a fecundidade, por-

que novas uniões são possíveis em curtos períodos. Os *Gaviões* parecem aceitar as separações com mais naturalidade que os *Karitiana* e os *Pakaas-Novos*. Entre esses últimos, as uniões costumam ser mais estáveis.

Com relação à viuvez, deve-se mencionar ainda que um homem chama seus filhos e os filhos dos seus irmãos pelo mesmo termo, tornando-os equivalentes. Da mesma forma, uma criança chamará de "pai" ao seu pai biológico e aos irmãos deste. Este modelo, em certo sentido, favorece o levirato.

As três sociedades eram poligínicas, mas a influência da poliginia era precisamente no sentido dos casamentos com viúvas, salvo poucas exceções. Ao que tudo indica, a extensão da poliginia era pequena. Entre os *Karitiana* encontrei apenas uma união poligínica, entre os outros grupos, nenhuma. A diminuição da prática pode ser atribuída também à influência missionária: as três sociedades sofreram uma notável influência de missionários protestantes.

B. Os que regem a exposição ao coito dentro das uniões

4. Abstinência voluntária

A abstinência voluntária é praticada em quatro circunstâncias: durante a menstruação, a gravidez, o pós-parto e a amamentação. Mas de forma variável: no que se refere ao pós-parto, o período é longo entre os *Karitiana* e os *Gaviões*, estendendo-se até quando a criança começa a engatinhar, e curto entre os *Pakaas-Novos*, limitando-se a cerca de três meses. Entretanto, não se pode dizer que os casais não mantenham relações sexuais no período. Uma jovem mãe *Gavião*, por exemplo, me disse: "A gente dá um jeito". É difícil saber se este afrouxamento da regra é um fato recente ou se sempre existiu. Um dado interessante, nesse sentido, é que algumas mulheres afirmaram que não gostam de ter filhos em intervalos de tempo muito próximos, porque ficam distanciadas dos maridos e temem que eles sejam infelizes.

Há algumas ocasiões, nas três sociedades, de abstinência voluntária masculina: um caso comum é o do *xamã*, que, para exercer seu ofício de cura, deve abster-se de ter relações sexuais. Mas, como existem poucos *xamãs*, a influência deste fator é desprezível.

Entre os *Karitiana*, tradicionalmente, um homem guardava um período de abstinência antes das caçadas coletivas e nos dias que antecediam a comemoração das chamadas festas de *chicha*, e que hoje não são mais realizadas.

Entre os *Pakaas-Novos*, também tradicionalmente, as relações sexuais estavam proibidas para um homem que matasse um inimigo, isto é, um "civilizado". Como eram antropófagos, o matador ficava num estado de liminaridade que podia durar mais de um mês.

Essas restrições masculinas eram rigidamente respeitadas e tinham caráter religioso.



5. *Abstinência involuntária (impotência, enfermidade, separações inevitáveis, mas temporais)*

Nas três sociedades, são raras as separações temporais, em virtude da pouca mobilidade individual. Geralmente quando um homem se afasta por motivo de trabalho (caso dos *Pakaas-Novos*, que, sendo atualmente seringueiros, movem-se para dentro da floresta no verão), leva consigo toda a família.

No que se refere às enfermidades, sem dúvida essas sociedades passaram por períodos críticos que as atingiram como um todo, dentro de situações historicamente definidas.

Quanto à impotência, se existe, é um dado que não foi registrado, isto é, não foi admitido.

6. *Frequência do coito*

Este é um valor indeterminado, porque não é regulado por nenhum padrão institucional. Os períodos de abstinência são regulados, mas a frequência do coito é uma decisão dos casais. Kingsley Davis e Judith Blake admitem que não há nenhuma prova que indique que esta variável seja um fator importante nas variações da fecundidade dentro das sociedades.

II. **Fatores que Afetam o Risco de Conceber** (variáveis da concepção)

7. *Fertilidade ou esterilidade afetadas por causas involuntárias*

Esta é uma variável que, conforme argumentam Davis e Blake, não pode ser controlada culturalmente, porque se deve a causas orgânicas. Pode, por outro lado, sofrer influências externas, isto é, depois do contato, certas enfermidades podem ter originado baixas na fecundidade, afetando a natalidade.

8. *Uso ou não da contracepção*

- a) *Por meios mecânicos ou químicos*
- b) *Por outros meios*

Os autores propõem que, ignorando a fisiologia da reprodução, as sociedades simples não sabem com certeza quais são os meios que devem buscar para impedir a contracepção e, por isso, é comum nessas sociedades uma ampla ausência de contraceptivos. Os *Karitiana*, e sobretudo os *Gaviões*, demonstram o contrário. Ambos não só conhecem uma vasta quantidade de chás e ervas que – afirmam – teriam o poder de evitar a gravidez, como esse conhecimento é público e passado através das gerações. As mulheres asseguram que não desejam ter filhos em espaço de tempo muito curto, e uma das razões – já citada – foi a de não quererem se submeter às prolongadas abstinências pós-parto.

Os *Pakaas-Novos* afirmam que não conhecem contraceptivos. Ao que parece, inde-

pendente das concepções que essas sociedades tenham sobre a reprodução, sabem que a gravidez pode ser evitada ou interrompida. O que se poderia discutir é a eficácia desta farmacopéia – este sim, um dado totalmente desconhecido. É importante salientar que, tanto entre os *Karitiãna* quanto entre os *Gaviões*, os meios não são “mágicos”, mas sim baseados na utilização de uma farmacopéia tradicional, selecionada exclusivamente para este fim.

Com relação aos outros meios citados por Davis e Blake (*coitus interruptus e inter femora*), é provável que sejam utilizados em determinadas ocasiões, mas a única informação segura que tenho a respeito foi fornecida por uma mulher *Gavião*, que afirmou serem práticas utilizadas durante a gravidez.

9. *Fertilidade ou esterilidade afetadas por causas involuntárias (esterilização etc.)*

Não existe nenhuma prática que redunde em esterilização nessas sociedades.

III. Fatores que Afetam a Gestação e o Êxito do Parto (variáveis da gestação)

10. *Mortalidade fetal por causas involuntárias*

Essa variável, para ser devidamente analisada, depende de dados precisos sobre a natimortalidade que, infelizmente, não existem. Mas é uma variável que não pode ser controlada culturalmente, já que se define como involuntária. Tradicionalmente, não se sabe se a natimortalidade e os abortos naturais atingiam taxas altas. Há fortes indícios de que a natimortalidade seja alta nas três sociedades hoje, segundo informações que recolhi dos funcionários nos postos, mas não existem dados estatísticos que permitam uma avaliação.

11. *Mortalidade fetal por causas voluntárias*

As três sociedades praticavam o aborto, tanto por meios mecânicos quanto por meios químicos, mas em escala variável: largamente entre os *Gaviões*, freqüentemente entre os *Karitiãna* e raramente ou quase nunca entre os *Pakaas-Novos*. Os *Gaviões* e os *Karitiãna* afirmam conhecer várias plantas que, utilizadas seja em forma de chá, seja em forma de pó diluído, têm efeitos espasmódicos que induzem ao aborto. Já os *Pakaas-Novos* asseguram que não conhecem remédios para esse fim. As três sociedades utilizavam-se de um recurso mecânico para por término a uma gravidez indesejada: pisar sobre a barriga da gestante ou pressionar o baixo ventre.

As mulheres *Gaviões* entrevistadas enfatizaram que nunca gostaram de ter muitos filhos e, tradicionalmente, praticavam o infanticídio. O infanticídio entre os *Gaviões* não visava uma seleção por sexo, mas um limite do número de filhos, não estando sujeito a nenhuma regra religiosa. Pelas entrevistas realizadas, o número ideal de filhos não deveria ultrapassar três.



DISTRIBUIÇÃO DOS VALORES

A partir do levantamento desses fatores, vamos considerar cada um separadamente, verificando os que têm um valor **alto**, favorecendo a fecundidade; **baixo**, desfavorecendo, e **indefinido**. Vamos considerá-los a partir do contexto **tradicional**, isto é, a partir das práticas culturais tradicionais que exerciam influência, para, mais tarde, considerarmos as modificações ocorridas.

Tomados em conjunto, os valores evidentemente não são idênticos para as três sociedades. A sua distribuição completa está no Quadro 1, na página seguinte. Observando o Quadro, verifica-se que as variáveis 1, 2, 3a, 3b, 5, 6, 7, 9 e 10 têm os mesmos valores para as três sociedades, ou seja: 1, 2, 3a, 3b e 9 têm um valor **alto**; 5, 6, 7 e 10, valor **indefinido**. Considerei o valor da variável 10 como indefinido porque não há nenhuma prova de que a natalidade fosse alta no passado, e os indícios de que seja alta dizem respeito à situação atual.

As diferenças verificáveis entre as sociedades estão nas variáveis 4, 8 e 11. Entretanto, os valores são absolutamente idênticos para os *Gaviões* e os *Karitiana*. No caso da variável 4, vimos que, entre os *Pakaas-Novos*, a abstinência pós-parto envolvia um período curto, ao contrário das outras duas sociedades. No que se refere à variável 8, vimos que os *Pakaas-Novos* não usam contraceptivos e, por isso, essa variável tem um valor alto, isto é, favorece a fecundidade. Finalmente, quanto à variável 11, mortalidade fetal voluntária, vimos que os *Pakaas-Novos* quase nunca praticavam o aborto, de modo que é mais seguro atribuir-lhe um valor alto.

Comparadas entre si, a primeira questão que chama a atenção a partir desses resultados é a seguinte: as duas sociedades que exibem resultados idênticos são sociedades que, no momento dos primeiros contatos, apresentavam uma população pouco numerosa, ao contrário dos *Pakaas-Novos*. A segunda diz respeito à organização social: existem semelhanças notáveis entre os *Karitiana* e os *Gaviões*, e diferenças profundas entre essas duas sociedades e os *Pakaas-Novos*.

Por outro lado, a despeito de terem sofrido depopulações drásticas, as três crescem surpreendentemente. Seria possível compreender esses fenômenos a partir das variáveis levantadas?

Vamos tentar avançar um pouco mais no seu questionamento, considerando ainda outros dados.

CONCLUSÃO: As "Variáveis Intermediárias" e Alguns Aspectos Culturais

Vimos que, de modo geral, as sociedades indígenas brasileiras foram consideradas de baixa magnitude. Via de regra, considera-se que as sociedades pré-industriais apresentam altas

QUADRO I

Variável	Valor													
	Alto						Baixo						Indefinido	
	PN	G	K	PN	G	K	PN	G	K	PN	G	K	G	K
1. Idade da Iniciação Sexual	+		+		+									
2. Celibato Permanente	+		+		+									
3a. Intervalo entre Uniãos Estáveis	+		+		+									
3b. Celibato Posterior à Viuvez	+		+		+									
4. Abstinência Voluntária	+						+		+					
5. Abstinência Involuntária										+		+	+	+
6. Frequência do Coito										+		+	+	+
7. Esterilidade Involuntária											+		+	+
8. Contraceção							+			+				
9. Esterilização							+		+	+				
10. Mortalidade Fetal Involuntária											+		+	+
11. Mortalidade Fetal Voluntária							+			+			+	+



taxas de mortalidade e de fecundidade. Entretanto, alguns antropólogos têm discutido essas questões. Com relação à mortalidade, estudos recentes procuraram demonstrar que os caçadores e coletores não viviam na miséria nem eram mal nutridos. Os dados sobre esses povos são contestáveis porque são anacrônicos, registram culturas incompletas e inadequadamente estudadas, e por isso não há nada que faça supor uma mortalidade necessariamente alta (Sahlins, 1978; Polgar, 1972).

Outra questão polêmica diz respeito à guerra. Alguns pesquisadores sustentam que a principal causa da guerra entre sociedades de agricultores simples era a pressão populacional. Entretanto, essa posição tem sido refutada. Considere-se, por exemplo, o argumento Robert McC Netting (1973), segundo o qual grande variedade de conflitos armados **não** derivam da competição pela comida, territórios ou outros bens e, por isso, afirma que a guerra dificilmente pode ser interpretada como um sistema regulador da população. Steven Polgar (1972), através de dados etnográficos, concluiu que os conflitos armados entre caçadores e coletores raramente redundavam em grandes baixas e que essas não influenciavam substancialmente num decréscimo das taxas de nascimento, a menos que o casamento com viúvas fosse proibido.

Se não há evidências incontáveis de que a mortalidade fosse alta, por outro lado, há inúmeras evidências de que os níveis de fecundidade, de fato, fossem altos. Um dos argumentos a favor desta idéia está na análise das implicações do sistema de parentesco com a fecundidade. Frank Lorimer (1958), estudando diversos tipos de organização do parentesco, concluiu que os grupos de descendência unilinear (patri ou matrilineares) provêm uma poderosa motivação para a fecundidade, à medida que crianças numerosas são valorizadas porque fortificam a continuidade da linhagem. Entretanto, esta é uma questão muito complexa: Moni Nag (1973) cita exemplos de pesquisadores que teriam observado que as sociedades com clãs seriam mais estáveis que as sociedades com linhagens simples e teriam uma maior capacidade de organizar e abrigar uma população mais numerosa. Alguns autores concluíram que a densidade populacional e a complexidade política estavam positivamente relacionadas.

Admitindo-se que a mortalidade não fosse necessariamente alta, que o parentesco e a organização social estimulavam o casamento precoce e que o celibato era um estado anormal, por que essas populações, via de regra, eram pequenas? Na opinião de Steven Polgar (1972), os fatores mais importantes na manutenção de uma baixa reprodução nessas sociedades seriam o infanticídio e o aborto. Outros fatores relevantes seriam a abstinência pós-parto e a abstinência durante a lactação. Moni Nag (1973) chegou a conclusões semelhantes: através de estudos sobre fatores que afetavam a fecundidade, realizados em 61 sociedades não-industriais, observou que a abstinência pós-parto tinha uma significativa associação com a fecundidade.

Retomando as nossas três sociedades, a partir desses questionamentos, gostaria de discutir alguns aspectos. Em primeiro lugar, no que se refere à mortalidade, no período anterior ao contato, não há dados que permitam assegurar que fosse alta. No que se refere à fecundidade, por outro lado, a organização do parentesco, estimulando o casamento precoce, preservando uniões e institucionalizando o casamento com viúvas, tendia a favorecer a fecundidade. Duas dessas sociedades, os *Karitiãna* e os *Gaviões*, ao que tudo indica, sempre tiveram uma população bem menos numerosa do que a dos *Pakaas-Novos*. Significativamente, são sociedades nas quais pudemos verificar a existência de práticas culturais que afetavam a fecundidade:

concepção, aborto, prolongado tabu pós-parto e, no caso dos *Gaviões*, infanticídio. Ao contrário, como vimos, os *Pakaas-Novos* não conheciam contraceptivos, raramente praticavam o aborto e entre eles o tabu pós-parto abrangia um tempo reduzido.

Seria possível explicar a magnitude dessas populações somente em função dessas variáveis? Seguramente não. Considere-se, por exemplo, que os *Yanomami*, que conformam um dos grupos indígenas mais numerosos da floresta tropical, praticavam o aborto e o infanticídio (Polgar, 1972).

Creio que é necessário questionar primeiramente se as sociedades indígenas sempre apresentaram tão baixos contingentes ou se este é um dado deformado pelo desconhecimento histórico. Os *Gaviões*, como foi mencionado, afirmam que formavam uma única sociedade junto com os *Zoró*, pouco antes dos primeiros contatos com a sociedade nacional. Da mesma forma, fontes históricas informam que os *Karitiana* estavam unidos com outro grupo, por volta do início do século. Além disso, nenhum desses povos vivia "isolado" e, mesmo através da guerra, tradicionalmente praticavam a captura, sobretudo o roubo de mulheres, ou, por outro lado, alianças ocasionais. Isto poderia explicar o renovamento do indispensável patrimônio genérico coletivo – mas este é um problema para os geneticistas. O que importa é chamar a atenção para o fato de que essas populações podem ter sofrido experiências que alteraram o seu tamanho e o seu crescimento, e seria simplista considerá-las apenas como "pouco numerosas".

Entretanto, mesmo admitindo-se a possibilidade de que essas populações tenham sido maiores, o fato é que, por ocasião da intensificação dos primeiros contatos, encontravam-se em estado de fissão, decorrente de rixas internas. Ao contrário, os *Pakaas-Novos* foram atingidos quando uma complexa organização social, através de laços político-cerimoniais e simbólico-rituais, mantinha coesos os grupos territoriais.

Outra questão a ser discutida diz respeito à organização do parentesco. Os *Karitiana* e os *Gaviões* têm um sistema semelhante, em que o casamento preferencial é realizado entre um homem e a filha da sua irmã real ou classificatória e também, no caso dos *Karitiana*, entre um homem e a sua prima cruzada patrilateral e, no caso dos *Gaviões*, entre um homem e a sua prima cruzada matrilateral. O sistema *Pakaa-Novo* é completamente diferente, e a escolha de uma esposa se processa no seio de relações que não são unicamente determinadas pelo parentesco. Nesse sentido, o sistema **proscrescia** as uniões, mas não as **prescrevia** como nos outros dois. Os modelos dos dois primeiros (e muitas das suas variações) foram considerados por Claude Lévi-Strauss (1969) como "estruturas simples", enquanto o último (do tipo *Crow-Omaha*) seria "semi-complexo". Os primeiros caracterizam-se pela regularidade e periodicidade, enquanto o último, pelo oposto: implica em mudanças constantes, de vez que, a cada matrimônio, os parentes (afins e consangüíneos) dos cônjuges são transformados, pela terminologia, em parentes consangüíneos. Ou seja: um homem considera parentas consangüíneas as suas primas cruzadas, as suas primas paralelas, as filhas das suas irmãs etc. . Ao se casar, um homem estende esta rede de consangüinidade, de tal forma que o filho deste homem terá de tomar como esposa uma mulher fora desta rede.

Em que medida poderia ser estabelecida uma relação entre o contingente populacional e o parentesco? Esta é uma questão, como tantas, ainda sem resposta. Somente através de no-



vos levantamentos junto a outras sociedades, seria possível chegar a conclusões seguras. Este tipo de pesquisa exigiria um tratamento adequado e profundo de aspectos vários – como a história dessas sociedades e a sua organização social.

Foi possível verificar, através do levantamento das “variáveis intermediárias”, que a sociedade de maior contingente populacional apresentou um maior número de valores altos. Este é um dado significativo, porque as três sociedades habitam regiões de características semelhantes – a floresta tropical – e cultivam produtos iguais, com raras exceções. O que as diferencia são fatores culturais, a organização política e inúmeros outros, como os sistemas cosmológicos, sistemas de nominação, práticas mortuárias, xamanismo etc. .

Finalmente, é preciso chamar a atenção para um fenômeno da maior relevância: a despeito das semelhanças e diferenças, essas três populações vêm crescendo de maneira notável. Esta observação pode ser generalizada para a maioria das sociedades indígenas brasileiras: o “extermínio” que muitos pesquisadores previram não só não se verifica, como ocorre o oposto. O que está acontecendo? Como podem essas populações sofrer graves baixas e continuar crescendo?

Moni Nag (1973) colocou em discussão o fato de que o crescimento populacional nas sociedades pré-industriais tem sido considerado quase sempre como uma consequência da diminuição do efeito dos fatores que induziam à mortalidade. Pouca atenção foi dada ao fato de que pelo menos parte do crescimento populacional pode resultar de um menor uso das práticas reguladoras da fecundidade. O contato com a sociedade industrial pode significar não somente uma melhoria no estado geral de saúde como também, ao mesmo tempo, redução nas práticas do aborto, infanticídio, abstinência pós-parto. Ora, parece ter sido exatamente o que vem ocorrendo com os *Karitiana* e os *Gaviões*. O contato com a sociedade nacional, num primeiro momento, criou um quadro de alta mortalidade mas, por outro lado, posteriormente, teve consequências sócio-culturais que influenciaram na fecundidade. Os contraceptivos não são mais usados, o aborto não é mais praticado e o infanticídio cessou por volta do início da década de 60. Além disso, as três sociedades passaram por experiências históricas que produziram profundas mudanças em termos de uma motivação pela fecundidade. Em outras palavras: querem hoje ter muitos filhos, talvez uma motivação consciente para fazer frente à ameaça da reprodução social.

A depopulação, apesar dos seus efeitos traumáticos, não modificou os sistemas de parentesco que, mesmo sofrendo eventuais transgressões, são mantidos em seus modelos tradicionais. Por outro lado, alguns dos valores atribuídos às “variáveis intermediárias” constantes do Quadro 1, devem ser modificados para retratar a situação atual. Os valores 4, 8 e 11 para os *Karitiana* e *Gaviões* passariam de **baixos** para **altos**. Isso significa que, surpreendentemente, as situações de contato podem influenciar de modo a favorecer a fecundidade, do ponto de vista interno do grupo, através da modificação ou mesmo da suspensão de práticas tradicionais que tendiam a influenciar negativamente na fecundidade.

As investigações sobre populações indígenas envolvem, sem dúvida, questões altamente complexas que permanecem, na sua maioria, ainda pouco investigadas. A minha intenção foi a de discutir algumas delas, fornecendo dados e propondo problemas que – espero – possam ser retomados por outros pesquisadores.

NOTAS

1. Entretanto, embora essa generalização possa ser comprovada empiricamente em larga escala, existem várias exceções. Charles Wagley (1951), por exemplo, comparando a reação de dois grupos distintos, os *Tenetebara* (grupo *Tupi* do Maranhão) e os *Tapirapé* (grupo *Tupi* de Goiás), ao contato, concluiu que os primeiros, após mais de 300 anos de contato, contavam com uma população provavelmente pouco inferior à de antes, enquanto que os últimos foram por ele considerados em vias de extinção. Os *Tapirapé* não se extinguíram, mas o autor procurou interpretar o fenômeno da sua notável perda de população como uma decorrência de certos fatores culturais, dentre eles o desejo tradicional de limitar os filhos, que aumentou em função da situação traumática que viviam.
2. A análise mais completa sobre a magnitude das populações indígenas em função dessas variáveis foi feita por Darcy Ribeiro (1977). Deve-se a esse autor também a proposta teórica das categorias analíticas sobre o grau de integração. Entretanto, tais categorias hoje são consideradas contestáveis, porque as populações indígenas são analisadas apenas de um ângulo, isto é, o da sociedade nacional, e porque as fronteiras de expansão comportam múltiplas agências sociais e econômicas, nem sempre passíveis de generalização. Antropólogos como Roberto Cardoso de Oliveira (1972) e Roberto da Matta (1983) discutiram amplamente o problema do contato interétnico, propondo novas estratégias de análise teórica.
3. Comunicação pessoal.
4. Hipoteticamente, a cifra pode ser muito maior, se considerarmos a população em relação à organização social: os *Pakaas-Novos* se dividiam em oito grupos nominados, e cada um ocupava territórios definidos, localizados e nominados. Cada "localidade" abrigava uma família extensa patrilocal. Eu mesma (1986) coletei informações sobre 233 localidades que eram habitadas, abandonadas e novamente ocupadas. Se aceitarmos que 80% dessas localidades estavam ocupadas num dado momento, e sabendo-se que cada uma tinha cerca de cinco casas habitadas por famílias nucleares de irmãos casados vivendo em torno do pai, podemos supor cinco pessoas por casa, o que dá um total de 25 pessoas por localidade e um total de 4950 no geral.
5. Caracterizada pela equivalência onde pai = filho da irmã do pai = filha da filha da irmã do pai; os primos cruzados são distintos dos irmãos e dos primos paralelos; os primos cruzados patrilaterais são distintos dos primos cruzados matrilaterais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLASTRES, P. – 1973. Demographie amérindienne. *L'Homme*, 13 (1/2).



- DAVIS, K. & BLAKE, J. – 1967. “La estructura social y la fecundidad: un sistema analítico”. In: FREEDMAN, R. et al. *Factores sociológicos de la fecundidad*. Mexico, CELADE.
- DENEVA, W. – 1976. *The Native population of the Americas in 1492*. University of Wisconsin.
- DOBYNS, H. – 1966. Estimating aboriginal population: an appraisal of techniques with a new hemispheric estimate. *Current Anthropology*, 7 (1).
- FREEDMAN, R. – 1967. “La Sociología de la fecundidad humana: tendencias actuales de la investigación y bibliografía”. In: FREEDMAN, R. et al. *Factores sociológicos de la fecundidad*. Mexico, CELADE.
- HOWELL, N. – 1976. “Notes on collection and analysis of demographic field data”. In: MARSHALL, J. & POLGAR, S. (ed.). *Culture, natality and family planning*. University of North Carolina.
- LÉVI-STRAUSS, C. – 1969. “O Futuro dos estudos do parentesco”. In: LARAIA, R. de B. (org.). *Organização social*. Zahar.
- LORIMER, F. – 1958. “The Relation of kinship systems to fertility”. In: LORIMER, F. (org.). *Culture and human fertility*. UNESCO.
- MASON, A. – 1977. *Oronao social structure*. University of California. (Tese de Doutorado)
- MATTA, R. da – 1983. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Vozes.
- McC NETTING, R. – 1973. Fighting, forest and the fly: some demographic regulations among the Kofyar. *Journal of Anthropological Research*, 29 (3).
- MEIRELES, D. M. – 1986. *Os Pakaas-Novos*. Universidade de Brasília (Tese de Mestrado)
- NAG, M. – 1973. Anthropology and population: problems and perspectives. *Population Studies*, 27 (1).
- OLIVEIRA, R.C. de – 1972. *O Índio e o mundo dos brancos*. São Paulo, Pioneira.
- POLGAR, S. – 1972. Population history and population policies from an anthropological perspective. *Current Anthropology*, 13.
- RIBEIRO, D. – 1977. *Os Índios e a civilização*. Rio de Janeiro, Vozes.
- SAHLINS, M. – 1978. “A Primeira sociedade da afluência”. In: CARVALHO, E. A. (org.). *Antropologia econômica*. São Paulo, Ciências Humanas.
- SCHULTZ, H. – 1955. Vocabulários Urukú e Digüt. *Journal de la Société des Americanistes de Paris*, 44.

WAGLEY, C. – 1951. Cultural influences on population: a comparison of two Tupi tribes. *Revista do Museu Paulista*, 5 (5).

ABSTRACT – SUGGESTION FOR A COMPARATIVE ANALYSIS OF FERTILITY IN INDIAN POPULATIONS – This paper presents the results of a fieldwork research relating to three indian societies in Brazil, through the use of the model for the comparative study of fertility proposed by Kingsley Davis and Judith Blake. The collected data show changes within these societies which favourably affected fertility. From this evidence many other questions concerning the social organization and its influence on fertility are discussed.